

Sem as ilusões do princípio...

Feitas as contas somos pouco mais de 1500, ao todo. Num País de poucos médicos mas muitos hospitais, e de poucos meios mas muitos doentes, somos quase de certeza, entre os médicos portugueses, os que mais se esforçam para que os hospitais não sejam só edifícios com doentes lá dentro, a monte. Todos sabemos, e não vou repetir, da violência das urgências, da degradação das enfermarias, dos doentes terminais, dos que não cabem nas outras especialidades, os velhos, os acamados, os socialmente desprotegidos, os que às vezes só esperam que os ajudem a viver um bocadinho menos mal.

Ao que parece discute-se se sobreviveremos muito mais. Modelos de gestão, rentabilidade de recursos, políticas de saúde, projectos de hospitais que funcionam quase sozinhos, entre a triagem de Manchester, o Clínico Geral da Urgência, o Especialista de chamada e os exames complementares. Todos assistimos e fingimos que não vemos, mas o que se passa é que a Medicina Interna morre devagarinho, os Internistas resistem o que podem e ao fim de algum tempo, os que podem um pouco menos desistem de vez.

Sou médica há quase 18 anos, e acabei o Internato Complementar de Medicina Interna há quase 10. Trabalhei sempre muito, o melhor que soube e dando o máximo de que sou capaz. Percorri quase todos os Hospitais Cívicos de Lisboa e depois vim-me embora, metade por causa das carreiras hospitalares desfeitas e a outra metade por pura desilusão. Na avaliação em Medicina Interna ainda valem os currículos a metro, com muitas comunicações e posters que quase sempre nada adiantam a não ser aumentar a lista de participações em congressos do primeiro autor. A forma como se tratam os doentes, o cuidado de um trabalho assistencial sério e constante vale pouco quando se escrutinam critérios de selecção em concursos hospitalares.

Ser Internista, depois, é fazer o trabalho mais duro dos hospitais, mantê-los funcionais e justificados – há um médico de serviço para todo o serviço – discretamente. É estar quando mais ninguém está, de noite, aos fins de semana, em toda a parte, à distância pequena de um bip, para tudo e para todos, e nem sequer ganhar muito por isso. Ser Internista, no fim, fica só com cada um: com os que se preocupam e embora desiludidos se mantêm do lado dos doentes, com os que aprendem a viver com a especialidade mais dura e menos valorizada de todas, com os que se calhar só não se vão embora porque estão mais velhos e cansados e já se vai fazendo tarde.

Foi por isso que hoje pus no correio o meu pedido de demissão da SPMI. Eu fico na mesma e a SPMI também e chega um tempo em que temos de ordenar as nossas vidas sem as ilusões do princípio. Agora quando me perguntarem digo que sou médica com letra maiúscula, sem

especialidade nenhuma a não ser isso mesmo: médica com letra maiúscula de quem estiver doente e precisar de mim. Sobrevivente de uma especialidade que o não é e não soube encontrar uma identidade que fizesse com que muitos Internistas não se arrependessem tantas vezes de o ser.

Maria Inês Leal